

A escutar? Ou era uma espécie de soporífero em que imergia enquanto outra coisa se passava nele? Constance não o saberia dizer. Refugiava-se em seu quarto ou na floresta. Um comum terror empolgava-a muitas vezes — o pânico dessa demência invasora da civilização.

Depois que Clifford adoeceu da doença da atividade industrial e se tornou um ser de dura carapaça utilitária por fora e de polpa mole por dentro, um desses extraordinários moluscos do mundo industrial e financeiro, Constance viu-se de todo perdida.

Perdera até a liberdade, porque Clifford a queria sempre ao pé de si. A idéia de Constance abandoná-lo produzia-lhe terror. A polpa mole de dentro tinha necessidade da esposa. Uma necessidade infantil, quase idiota. Era preciso que em Wragby figurasse Lady Chatterley, sua mulher. Do contrário, sentir-se-ia perdido como um idiota no deserto.

Com verdadeiro horror Constance compreendeu tudo. Via o marido falar aos diretores das minas, ao conselho administrativo, a jovens sábios e sentia-se consternada diante da perspicácia de Clifford e do seu estranho poder sobre os homens que o mundo chama de práticos. Tornara-se ele mesmo homem prático, extraordinariamente perspicaz e poderoso — um dominador. E Constance via a influência de Mrs. Bolton nessa mudança do esposo.

Mas esse homem prático e perspicaz tornava-se um idiota, quando vivia emotivamente. Adorava Constance como a uma divindade, um ser superior, e lhe votava uma curiosa e abjeta idolatria de selvagem, um culto baseado no medo imenso e também no ódio que lhe inspirava o poder do ídolo. Tudo quanto pedia era que Constance não o abandonasse.

— Clifford, disse ela (depois de ter obtido a chave da cabana), quer você na realidade que eu tenha um filho?

Ele a encarou com os olhos pálidos um pouco salientes que traíram inquietação.

— Isso me seria indiferente, caso nada se mudasse entre nós.

— Como nada? indagou ela.

— Nada mudasse entre nós, em nosso afeto de um pelo outro. Se for para haver mudança, já não é a mesma coisa

que venha um filho. Além de que eu mesmo poderei ter um filho, algum dia...

Ela o encarou espantada.

— Algum dia, eu disse, repetiu ele.

Diante da persistência do olhar da esposa, Clifford sentiu-se mal.

— Então não ficaria satisfeito que eu tivesse um filho? continuou ela.

— Repito que não quero outra coisa,olveu ele precipitadamente, contanto que seu amor por mim não seja atingido. Em caso contrário, oponho-me violentamente a isso.

Constance, fria de terror e desprezo, nada achou que dizer. Aquelas palavras eram dum idiota. Positivamente ele já não regulava.

— Oh! Isso não mudaria em nada os meus sentimentos por você, disse por fim com certa ironia.

— Está muito bem. Nesse caso, não vejo nenhum inconveniente. Seria encantador termos aqui uma criança a brincar pela casa, uma criança a quem pudéssemos assegurar o futuro. Meus esforços teriam um fim. E como era o filho de minha mulher, seu filho, eu o consideraria meu também. Porque em tais assuntos quem conta é você. Não tenho voz no caso; sou zero. Em assunto de vida o Grande Ser é você. Não é assim? Quero dizer que só por você sou alguma coisa. Vivo para você e seu futuro. Por mim não sou nada.

Constance o ouvia com repulsão e contrariedade crescentes. O que ele dizia era uma dessas horrendas semiverdades que envenenam a existência humana. Poderia um homem de bom senso propor aquilo à sua mulher? Que homem dotado duma parcela de honra lançaria às costas de sua mulher esse abominável fardo de responsabilidade, deixando-a no vácuo?

Ademais, meia hora depois Constance viu Clifford conversando com Mrs. Bolton numa voz calorosa que revelava aquela espécie de paixão sem paixão que ele experimentava para com a enfermeira, como se se tratasse de meia amante e meia ama de leite. Mrs. Bolton o vestia cuidadosamente para receber os convidados importantes, homens de negócios que vinham à noite.